



ALMA
NOVA

N.º 7

TUDO O ASSINANTE QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERÃO 50 % DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, QUEM NOS OBTIVER 10 RECEBERÁ ASSINATURA GRÁTIS

S U M M Á R I O

CAPA, fotografia do General Gomes da Costa; ACTUALIDADES, Notas gráficas da quinzena, provas desportivas do apuradamente inter-escolar; QUINZENA—NOTAS E COMENTÁRIOS Á VIDA POLÍTICA E MENTAL, Redacção; FIGURAS E FACTOS, Redacção; OS NOSSOS INQUERITOS O SEGREDO PROFISIONAL, por *Aurelio de Aguiar*; O PORTO QUE TRABALHA, por *Guedes d'Amorim*; O MEDO—IRENE, desenho de *Ilda*; VIDA ELEGANTE—SOPA DOS POBRES DE VILA REAL, (fot. de *Alberto Meira*); MONUMENTOS ALGARVIOS; ZÉ DA VILA pela *Condessa de Proença-a-Velha*; NOVIDADES LITERARIAS; VIDA DESPORTIVA, por *Ribeiro dos Reis*; PROVINCIA—MONUMENTOS DE CHAVES E VILA RIAL, por *S. M.*; IDEM DE CASTELO BRANCO, por *José Brandão*; COLONIAS—A MENTALIDADE DO INDIGENA AERICANO BANI U, por *C. R. M.*; CARICATURAS E BOM HUMOR, CERTO COMPADRE, PÓS DE ARROZ, por *S. D. Guimarães*; FITA DA QUINZENA, por *Augusto Candido*.

ERRATA—Na notícia da quinzena sobre o illustre artista João Vaz, atribuímos-lhe, por lapso, uma distinção que a outro grande mestre da pintura portuguesa o sr. José Malhõa, legitimamente pertence. João Vaz não concorreu este ano á Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.

NOVIDADE LITERÁRIA "CAIXA D'AMENDOAS"

VERSOS QUE DAN-
ÇAM O FOX-TROT,
O TANGO E A MA-

POR
Luiz d'Oliveira Guimarães

PEDIDOS Á REDACÇÃO
DA "ALMA NOVA"—OS
ASSINANTES DESTA RE-
VISTA TÊM 20 % DE
DESCONTO

*** XIXE ***

:: 5 \$ 0 0 ::

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



SILICALCINA (REGISTADO)

O melhor medicamento na cura da tuberculose, raquitismo, linfatisimo, anemia, neurostenia, fraqueza geral e na convalescência de todas as doenças

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

Á VENDA

FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politecnica, 18

FARMACIA BARRAL
Rua do Ouro—LISBOA

A PORTUGALIA

FABRICA DE CHAPEUS

R. da Metade, n.º 9 (á Rua de S. José)

Chapeus de feltro para homem e senhora
Chapeus de palha para homem, senhora e
creança.

FABRICAÇÃO ESMERADA

Preços sem competencia

Sucursaes de vendas directas ao publico

1.ª Sucursal—12 C. Av. Almirante Reis, 12, D

2.ª " —58, R. Alves Correia e R. do
Telhal, 4

3.ª " —68, R. dos Cavaleiros, 70

TIPOGRAFIA E PAPELARIA AMERICA

263, 265, 267, R. da Escola Politecnica

:: :: LISBOA :: ::

Casa editora e deositoria de livros da Escola Central de Sargentos, Ministerio da Guerra, Guarda Fiscal e Guardo Nacional Republicana

Impressos para o exercito e fornecimentos militares

EXECUTA RAPIDAMENTE E A PREÇOS EXCEPCIONAES:

Obras e publicações, Teses, Estatutos, Relatorios, Bilhetes de loja, Facturos, Talões, Menús, Programas, Bilhetes de visito em todas as qualidades e preços, Mapas, Rotulos, etc.

Fabrico de carimbos de borracha, sinetes, chancelas, grovuras, etc.

IMMALIN

A MELHOR POMADA PARA CALÇADO.

O MELHOR CREME PARA LIMPAR METAIS.

A MELHOR PASTA PARA LIMPAR MOVEIS.

FABRICAÇÃO ALEMÃ

EM DEPOSITO J. N. COELHO

TELEFONE N. 1143

MISTERIOS DO SILÊNCIO

VERDADES LUMINOSAS

•O eterno fim do universo é a evolução do Espírito. A matéria não se cria nem se destrói, transforma-se. O espírito, unindo-se á matéria, em contacto com o fluido vital, produz a vida.

O HOMEM É OU NÃO DESCENDENTE DO MACACO?
Cada livro de 220 paginas, 3\$00

GUIA FORENSE

Muito util aos Senhores Doutores, Escrivães e Magistrados e a todos os que seguem o foro

CADA 4\$00

PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO

JOSÉ MARIA PIRES, SUC.

SERRALHERIA

CASA FUNDADA EM 1865

PORTAS ONDULADAS E ARTICULADAS

FABRICAS DE PÁS PARA
TODAS AS INDUSTRIAS

ESCRITÓRIO - RUA DA MOURARIA, 3

TELEFONE N. 3023

Quereis os VOSSOS RELOGIOS BEM REGULADOS?

Quereis um BOM RELOGIO DE SALA OU DE ALGIBEIRA, ou um BOM DESPERTADOR POR POUCO DINHEIRO?

Visitae a

RELOJOARIA E FOTOGRAFIA

DE

ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO

Na RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE
ou na Feira em SANTA COMBA DÃO

CONCERTOS, COMPRAS E VENDAS

ADMITEM-SE APRENDIZES

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**

RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

CAS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

SÃO OS MELHORES

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR

ROUPA EM TODAS AS CORES

MENDES PEREIRA & F.º, L.ª

CAMPO GRANDE, 243 - TELEF. CAMPO GRANDE 1

LISBOA

AUTO-LUSITANIA

Telefone: N. 5319

Teleg.: AUTOSITANIA

ALFREDO DUARTE, L.ª

Deposítórios exclusivos de

CORRENTES INGLESA

“THE COVENTRY”

ROLAMENTOS ITALIANOS

“R. I. V.”

LISBOA - Av. da Liberdade, 75 77 e 79

Accesórios e peças de sobreceleste, para diversos marcas de automóveis, camions e motos europeus e americanos



ANTIGOS
REBUÇADOS PEITORAES
S. ROQUE

SEGUNDA FÓRMULA



MARCA REGISTRADA

PEDIR Á

R. DA ESCOLA POLITECNICA, 265
ou TELEFONE NORTE 792

NÃO CONTEEM ESSENCIAS
ARTIFICIAES



ARTIGOS DE PINTURA
E ARTE APLICADA

TINTAS PARA AGUARELA E OLEO
DA ACREDITAÇÃO MARCA (LEFRANC)

PAPELARIA

EMILIO BRAGA, L.ª

ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES

OBJECTOS PROPRIOS
PARA BRINDES, ETC.

59, RUA NOVA DO ALMADA, 61
LISBOA

TELEFONE 3584 C.

SÃO EXPEDIDOS PARA A PROVÍNCIA COM TODA A PRONTIDÃO



RELOJOARIA ALIANÇA

DE

A. SANTOS

55, RUA 4 DE INFANTARIA, 55

Compra e vende objectos de ouro, prata, relógios, gramofones, discos, etc.

Concertos garantidos em relógios, ouro, prata, caixas com musica e gramofones

Recebe ENCOMENDAS para a PROVÍNCIA QUE SÃO EXPEDIDAS COM TODA A PRONTIDÃO

Estas encomendas devem vir registadas

GARAGE MONUMENTAL, L.ª

AVENIDA ALVARES CABRAL (AO RATO)
TELEFONE NORTE 4949

MAGNIFICAS INSTALAÇÕES PARA
RECOLHA DE CARROS COM PESSOAL

:- HABILITADO PARA LAVÁGENS :-

PREÇOS MODICOS

VENDA DE OLEOS E GAZOLINA

MISTÉRIOS DO SILENCIO
VERDADES LUMINOSAS

NOVO VERSO

AVÉ! RAINHA-ES CRAVA

Roma! Athenas! Carthago! Astros siderios!
Passam as gerações, e na memoria
Dos seculos subsiste a eterna gloria
Dos três soberbos, imortaes Imperios!

Canta o galo Gaulez... É um portento
Que ainda tem "panache" e vibração,
E a palavra imortal: -- Napoleão!
É um estandarte desfraldado ao vento!

Cesar! Pericles! Anibal! Herois
Que passaram na historia como sois
Para o espantoso assombro das Idades...

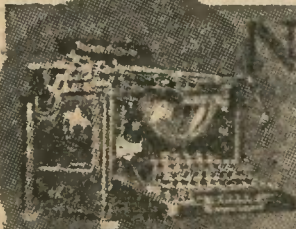
Sem eles, Roma, a Galia, a velha Athenas,
Em vez de triunfais realidades
Seriam sombras, ilusões apenas!

Que seria de vos, velhos Imperios
Sem os vossos Guerreiros imortais?
Ruinas solitarias... nada mais,
Grandes, impressionantes cemiterios!

E tu, Mundo orgulhoso, o que seria,
O que seria o teu progresso altivo
Se jazesses no estado primitivo
Dos teus remotos e afastados dias?

Nos mortos tempos da velha historia
Farto da caneta estava cansado o mundo;
Hoje todo o comercio brinda cada segundo
A Remington, á qual deve tanta gloria

Pois foi um estrondoso dia mundial
Quando esta soberba Remington se mostrou—
Desde conquistadora da alma se tornou,
Até Rainha dum Imperio triunfal.



Nova Remington 12

(SILENCIOSA)

Ela faz em voz
baixa mas ouve-se
à roda do mundo.



REMINGTON

Rua Dora do Almada 100, 2ª Esq., Lisboa.

DIRECTOR-FUNDADOR: MATEUS MORENO
DIRECTOR-LITERÁRIO: EMILIO SALGUEIRO
SECR. DA REDACÇÃO: JOÃO FARMHOUSE
REPRESENTANTES E AGENTES EM TODO
O PAÍS, ILHAS E COLÓNIAS



EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA
PROPRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"
REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
263-R. ESCOLA POLITÉCNICA, 267-LISBOA
TELEFONE NORTE



ALMA NOVA

REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA

NUM. 7

LISBOA, 1 DE JULHO DE 1926

IV SERIE

ACTUALIDADES Notas gráficas da quinzena PROVAS DESPORTIVAS DE APURAMENTO ESCOLAR



Henri G. J. J. J.
1926



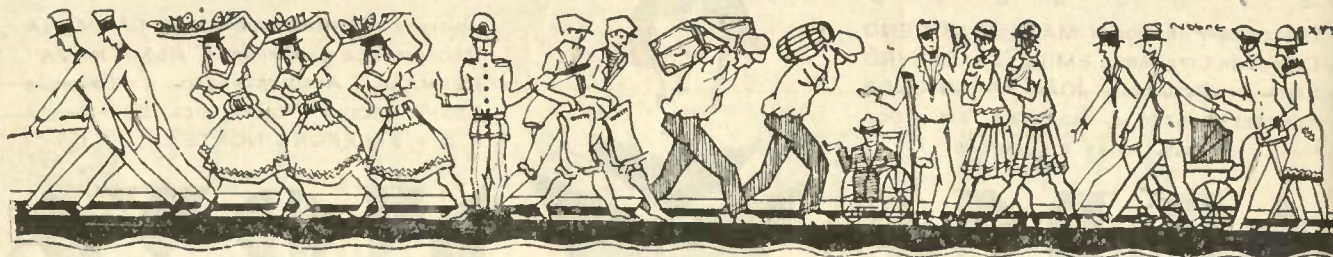
W. J. J.



NO CAMPO DO S. C. P.

1-Sebastião Herédia, em lançamento de pêso; 2-Carlos Marin, um dos vencedores da prova hipica, saltando a sebe; 3-Sobral Dias, arremessando o dardo, e 4-O mesmo "sportman", campeão de salto em altura, saltando 1^m.60. (Provas realizadas em 19 do mês último).

Este número da "ALMA NOVA" foi visado pela Comissão de Censura



A Q U I N Z E N A

NOTAS E COMENTARIOS À VIDA POLÍTICA E MENTAL

O facto dominante da quinzena, continúa a sêr o triunfo do movimento militar nacional. Tendo-se avolumado as divergências entre o pensamento da revolução e o proceder, que muitos criam simplesmente conciliatório — e, portanto, útil — do comandante Cabeçadas, o general sr. Gomes da Costa viu-se forçado, recolhendo-se ás tropas sitiadas, a escalar de vez a presidência do Govêrno e a dispensar a colaboração daquêle heróico marinheiro.

Os políticos militantes, procuram agora explorar êste acto, e, no seu afan de encravar a máquina governativa saída da revolução, entretêm-se a espalhar as mais descabeladas notícias ácerca dos sentimentos republicanos e patrióticos dos vencedores.

O «Núcleo de Ressurgimento Nacional», com sêde em Lisboa, e o «Grupo Alma Nova», que ora se acaba de instituir, para a defêsa, pela palavra, pelo livro e pela imprensa — que é ainda, afinal, a grande fôrça, — de todas as idéas de são patriotismo e de renovação moral portugêsa, ambos não podem deixar de colocar-se deliberadamente ao lado da Ordem e da Verdade, no mais cerrado combate a todos o inimigos da Pátria, sejam êles govêrno ou sejam agremiações partidárias.

Política construtiva, sincêra, de homens bem intencionados e honestos, sim; política de bóta-abaxo, de simples clientela, de voracidades partidárias, não mais.

O novo govêrno não tem de escorraçar todos os políticos, se qualquer coisa de útil quere fazer — e ai de nós todos se o não conseguir! — o govêrno tem que dispensar o concurso apênas dos maus políticos; dos que colocam os interesses partidária acima dos interesses da nação; dos que tem a consciência mais próxima do estômago, que o coração do cérebro.

Êsses é que nós combateremos aqui também.

E a quantos queiram estar ao nosso lado, nesta urgentíssima cruzada, rogamos nos remetam já os seus nomes e moradas.

PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA

EM 27 último foi assinado um decreto concentrando no presidente do Ministerio, sr. General Gomes da Costa, todas prerogativas de Chefe do Estado.

A DÍVIDA PÚBLICA PORTUGUÊSA

SOBRE êste momentôso assunto, realizou a 26 de Maio último o sr. dr. Raul do Carmo, illustre administrador da Caixa Geral dos Depósitos, uma notável conferência, no Jardim de Inverno do Palácio d' *A Luta*, onde apresentou alguns pareceres para a consolidação da mesma, que muito merecem sêr ponderados,

O dr. Raul do Carmo é um nôvo que sabe vêr com discernimento e clarêza e que — virtude hoje tão rara nos nossos homens públicos — não se peja de colocar os interesses do país acima das tão funestas ambições partidárias.

MONUMENTO A FIALHO

UM numeroso grupo de escritores novos, admiradôres sincêros do caprichoso estilista e vigoroso panfletário de *Os gatos*, vai promover-lhe uma homenagem, em Lisbôa, e erguêr-lhe, possivelmente, um monumento, num dos recantos do lindo jardim da Estrêla.

UMA VISITA

ANTÓNIO DAMASO, directôr-proprietário d'A PLATEIA, bela revista mensal do Rio de Janeiro e directôr do *Centro da Extremadura*, naquela grande capital, de visita à Pátria, acaba de vir trazer-nos o abraço amigo de quantos, lá distantes embora, nunca se esqueçem um momento de que são portugêses.

JOÃO VAZ

OS professores e demais pessoal da Escola Industrial Afonso Domingues, em Xabregas, promoveram nesta Escola, em 27 último, uma homenagem pública ao mestre pintor João Vaz, em virtude de ser forçado, por doença, a demitir-se do cargo de director, que na dita Escola exercia há 42 anos.

Ao notável e venerando artista, foi dedicada uma sessão solene, que esteve muito concorrida, entregue uma mensagem e um artistico album, incluindo trabalhos literariôes e artisticos dos professores, e descerrado, no pateo da Escola, o seu busto em bronze.

João Vaz foi o pintor que mais se fez notar na última exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

RECEBÊMOS, na quinzena finda, os seguintes livros, a que oportunamente nos referiremos mais de espaço: *Sorrisos côr de rosa*, (versos para creanças), por Beatriz Arnut, Livraria—Aillaud, Lisbôa.

Mulher Purificada, romance por Solano de Abreu. Parceria A. M. Pereira, Lisbôa.

Flôres de Portugal, colecção de cem das mais lindas antigas portugêsas, e *Comparações Tradicionais Portugêsas*, por Cláudio Basto, Viana do Castelo.

FIGURAS E FACTOS

MELLE MATHILDE POMÈS, professora do Liceu Victor Duruy, de Paris, é uma culta escritora francesa, que se tem dedicado especialmente ao estudo das línguas e literaturas meridionais:

Foi a primeira mulher que obteve em França o título de agregada da Universidade, para o espanhol e em 1920 conseguiu a mais alta recompensa da Universidade de Paris, que é a bolsa de viagem *Autour du Monde*, — para o que veio então embarcar em Lisboa. Actualmente encontra-se de novo entre nós, em missão de estudo, subvencionada pelo Ministério da Instrução Pública, para a preparação da sua tese de doutoramento em letras.



A Ilustre professora francesa
Mlle Mathilde Pomès

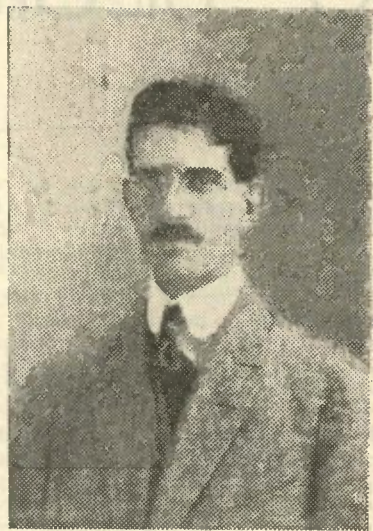
M.^{elle} Pomès traduziu Ramón Gomez de La Serna, escritor espanhol que vive entre nós; três novelas de Miguel de Unamuno, também muito conhecido e estimado pelos escritores portugueses; e tem feito sair, em diferentes revistas, várias traduções e estudos críticos sobre os dois citados escritores e Azorin, Eugénio de Castro, Pêdro Salinas, Marichalar, José Bergamín, e sobre *o espírito literário no Brasil*.

Para a sua tese de doutoramento está estudando as traduções e adaptações portuguesas de Molière, confessando-se verdadeiramente sensibilizado, não apenas com o acolhimento que tem recebido dos portugueses, mas ainda com o interesse com que é recebida em Portugal a literatura francesa.

Devidamente autorizados, recortamos duma sua carta as palavras que seguem:

“A propos de mes recherches, je dois dire que j'ai trouvé en Portugal, et tous particulièrement à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne, l'accueil le plus efficacement cordial. Comment payer ma dette de reconnaissance envers cette illustre maison, si ce n'est en rendant hommage aux innombrables richesses que j'y ai trouvées? Je souhaite, dans les limites de mon supel, pouvoir en dresser un catalogue assez exact et assez judicieux pour prouver, une fois de plus, que la littérature française n'a été siuie en aucun autre pays de plus près qu'en Portugal, que les chefs-d'œuvre de nas classiques y furent goûtés presque dès leur origine et que, en particulier, notre grand Molière, traduit, adapté, interprété un nombre considérable de fois — plus de trente — y fut et y

demeure vivant. A tous ceux qui me guidèrent et m'aidèrent dans mes recherches, j'adresse, en attendant de le faire mieux et plus longuement, mes vifs remerciements et un adieu ému — *Mathilde Pomès.*”



O sr Nuno Catharino Cardoso, devotado antologista e nosso colaboração

O ALENTEJANO, reservado às vezes quando quer ser franco e amável sabe revertir-se duma lhanza e galhardia, não fácil de exceder. Tivemos há pouco a prova disso, na visita da Excursão de Coimbra à Escola Prática de Agricultura, da Mitra, visita a que brevemente nos referiremos.

NUNO CATHARINO CARDOSO, que, sem um desfalecimento, vem divulgando desde 1917, por meio de antologias, os primôres da poesia portuguesa e brasileira, contribuindo assim, dum modo prático, embora sem quaisquer auxílios morais ou materiais, para a tão teórica quanto falada aproximação intelectual luso-brasileira, acaba de vêr publicado o décimo volume da sua obra — *Poetas Satiricos, Moralistas e Parodistas e Românticos e Ultra-românticos*.

E' um livro de 168 páginas, dividido em duas partes, tratando de 75 poetas dos mais ilustres de Portugal e do Brasil e enriquecido com bastantes inéditos.



A Excursão de estudo agrícola e florestal, dos alunos e diplomados do Universidade de Coimbra, no Escola Prático de Agricultura de Evora, no oprozível sitio do Mitra.

Fotografia tirada pelo académico sr Reis Trincão, na quinta da referida Escola, vendo-se ao centro o director da Excursão sr dr Luís W Carriso (+), dando a direita ao dr. Franco de Sousa, sub-director da Escola, dr. Camara Mannel, director, académico Reis Trincão, professor dr. José d'Almeida, dr. Santos Garcia, senadôr por Evora e director da Estação Agrária do Alto Alentejo e Mateus Morêno, directôr da «Alma Nova».

O "SEGREDO PROFESSIONAL"



QUEIRAM permitir-me, que eu responda ao inquerito aberto em o n.º 4 da *Alma Nova*, emitindo o minha opinião, como me parecer mais conforme á lei e aos legítimos interesses da comunidade.

O advogado Dr. Berens Freire, a quem F., chauffeur da automovel onde foi assossinada a actriz Maria Alves, consultou sobre o que lhe cumprio fazer em relação ao descobrimento do crime cometido por Augusto Games, procedeu correctamente, não revelando o que sobre tal assumta lhe dissera o consulente, que ero interessada no caso, porque isso lhe era prohibido pelo art.º 289 n.º 1 do Cod. Penal, que diz o seguinte:— Será punido com suspensão temporário e multa correspondente a três mezes até dois annos, o advogado, ou procurador judicial, que descobrir as segredos de um cliente, tendo tido deles conhecimento no exercicio do seu ministério. O segredo professional é legitimo e defendido por uma sanção penal. E não são somente os advogados o quem a lei proíbe a revelação do segredo professional, são-na tambem todas aqueles que exercerem qualquer profissão que requeira título, v. g. os médicos e até mesmo os empregadas e operários de fabricas e estabelecimentos industriais, ou encarregadas da sua administração, ou direcção, aas quais é prohibida pelas art.º 290 n.º 1 e §§ 1.º e 2.º, e 462 do Cod. Penal revelarem os segredos que lhes foram confiados no exercicio de suas profissões, ou de que tiverem conhecimento na labor dos operações industriais.

Quanta a advogados é esta a tradição da nossa Direito, como se mostra no Liv. 1.º tit. 48 § 13.º das Ord. do Reino, onde se lê a seguinte:— E se algum advogado ou procurador tiver recebido d'alguma parte dinheiro, ou outra causa por ovogar, ou procurar seu feito e demanda e a oceitar, posto que não tenha dinheiro recebido, tenda, já *sabida as segredos da causa*, depois ovogar, procurar ou oconselhor publico, ou secreto pela outro parte— E bem assim o que recebe causa alguma da parte contra quem processar: alem de ser havida por falso será degradada para sempre para o Brasil, e nunca mais usará do officio».

O Cod. Penal de 10 de Dezembro de 1852, art. 289 punia com suspensão temporária e multa correspondente a três mezes até três annos o advogado, ou procurador judicial que descobrisse os segredos do seu cliente, tendo tido deles conhecimento no exercicio do seu ministério.

Ora, abolido que fôsse o segredo professional, poderiam os advogados, por levianidade ou de casa pensada e com receio de qualquer sanção penal, troir os interesses de seus clientes, divulgando, ou descobrindo particularmente a o quem o natureza, objecta e particularidades da causa sobre que tinha sido consultado, ou já estava pendente no juiza contencioso, e, chegando tal noticia ao conhecimento das adversárias, envlariam estes todos os esforços para frustrar as designias da parte contraria, porquanto é necessária que se saiba, que as decisões do Tribunal nem sempre são conformes aas dictames do justiça e ás normas do direito positivo, mas são algumas vezes inspirodas por informações cavilosas que se empregom poro iludir as pessoas que não estejam prevenidos, contra as estratagemas dos litigantes

Alem disso a revelação da sigilla professional é um acta deshonesto, que pode comprameter a exito da causa e occasioner desovenças, rivalidades e perigos que convem remover.

Ha ainda outra questão importante a resolver, qual é, se o advogado procedeu correctamente, aconselhando a seu consulente a abster-se de fazer qualquer participação em juizo ácerca do crime de que tinha conhecimento, convindo-lhe antes esperar, que a policia de investigação criminal o descobrisse, para então prestar as suas declarações, como testemunha presencial do crime.

Foi o dito advogado Dr. Berens Freire consultoda pela chauffeur da outamavel onde foi assossinada a actriz Maria

O QUE É? QUE LATITUDE DEVE TER E QUAIS AS SUAS VANTAGENS E INCONVENIENTES? ¿HAVERÁ NECESSIDADE DE REFORMAR A NOSSA ACTUAL LEGISLAÇÃO NESSE CAPÍTULO?

Alves ácerca do procedimento que lhe cumprio adotar em relação ao descobrimento do crime cometido por Augusto Games. Salvo melhor opinião, o advogado ponderou devidamente os circunstâncias da logar e tempo, e foi prudente o seu conselha. Em uma sociedade regularmente disciplinada e onde a vida da cidadão não estivesse exposta o perigosas contingências, deveria éle aconselhar o seu cliente o que fizesse logo a devida participação á justiça, como prescreve a art. 891 do Nav. Ref. Judiciário, nos seguintes termos: «todo o pessão que presenciar algum crime público, ou déle tiver noticia, *poderá* partici-

participal-o ao juiz ordinário do juigodo em que foi cometida, ou ao ministério público, indicando na participação todos os circunstancias déle e os nomes, maradas e misteres das testemunhas. «Mas em um meio social como o nossa, onde o indisciplina, a falta de respeito á lei e á autoridade e o criminalidade vão de foz em fóra; onde quósi toda o gente anda armado, sem a necessário licença; onde por ocasião de movimentos revalucianárias são libertados os criminosos de direito comum, presas á ordem da justiça; onde os assassinatos e furtas qualificadas de grande monta ficam impunes, ou são punidas com penas correccionais; onde os juradas faltam ás audiências gerais, com médo de sêrem maltratadas pelas camponheiros das delinquentes que teem a julgar; onde ha associações de malfetores sábiamente organisadas, com distinctivos, nomes de guerra e palavras de passe, que não trepidam em frente da fôrça pública; onde são assaltadas á bamba e o revolver as juizes da tribunal de defeso social e a comandante geral do palicio; onde não ha o segurança necessária para a vida e propriedade das cidadãos, não podia deixar de proceder, como procedeu o chauffeur do automovel, abstando-se de participar immediatamente o crime d'hamicidio perpetrado por um facinara, um criminoso nato, como é Augusto Games, sem se expôr o perigos iminentes, tanto mais, que o auctor do crime a tinha ameaçada de morte, se denunciasse d'alguma maneira o que se tinha passada entre éle e a actriz, não podendo o chauffeur, em tais circunstancias sêr havido como encobridor do crime. E depois, para não lhe sêr applicável o classificação de encobridor, em face do art. 23 do Cod. Penal, que diz a seguinte: «São encobridores: n.º 2.º, as que occultam, ou inutilisam as provas, os instrumentas, ou objectas do crime, com o intuito de concarrer para a impunidade». Ora, o chauffeur do automovel não occultou, nem inutilisou couso alguma destas, com a fim de concarrer para a impunidade da criminosa; e se, porventura, padesse sêr classificado como encobridor, em face do Lei, seria exemplo da culpo por umo circunstância dirimente da responsabilidade criminal, qual é o justificação da sua falta, em vista da dispãsta nos art.ºs 41 e 44 do Cod. Penal.

Prestava-se o assumta o uma largo dissertação sãb multiplas aspectos, mas basta par agora.

AURELIO D'AGUIAR

Quinarrhenina
dá força e apetite

O PORTO QUE TRABALHA

AS ESTAÇÕES DO DIA... — O MAIOR VICIO DO PORTO:

— SCENARIO ROLANTE...

— ESPECTADORES.

MODOS os dias têm um ano de temperatura no tempo dos seus movimentos. Nas grandes cidades, onde há o hábito dignificativo do trabalho, as estações do ano que costumam arrastar-se durante meses, duram só curtas ou longas horas...

Com a alvorada das «sirénes» das fábricas e o passo cuidado que desperta as ruas, marca-se a primavera do dia. O meio dia, o S. Miguel do operário, é o seu estio, o estio que passa numa hora, a sua hora verão... porque há vibrância, há bailados de alegria na turba que caminha para as refeições. O outono do dia é a hora de entardecer, em que a terra é sertão, é Africa de brancos... Emmudecem as bocas das fábricas, cai sobre as ruas o vento negro, como cai as folhas tristes de Novembro... Depois vem o longo inverno: a noite longa de tréva! As ruas escondem-se, e os bairros operários encharcados de fadiga, apagam a sua energia, apagam a chama dos seus olhos com rajadas de sono. Como no ano, é uma estação longa, horas que torturam, monotonomizam, intermináveis!

*

Saber trabalhar, gostar de trabalhar é maior vicio do Porto, — é a cocaína do Porto. Intoxicados pelo ar puro do trabalho, os homens que trabalham no Porto são inconfundíveis... Em todas as cabeças está montada uma oficina, uma maquina, um emprego — o seu raio de vida profissional... E todo o dia o Porto corre, fala, anda, ri e marcha a trabalhar. Todas as atitudes que afixam se usam a gomarravica do esforço, da canseira para atingir engrandecimento proprio, e por vezes colectivo. Em todos os peitos trepidam motores educados, civilizados para a confecção de complexos artigos... E, quando se aperta a mão dum portuense, sente-se a rotação febril dum cilindro, dum cilindro potente, d'aquella cilindro que gasta lubrificações de sangue e correes de ardôr, para não estar em desacordo com o universo de cilindros em que queima a existencia.

*

Nunca falhou. Quando a manhã principia a balbuciar, levanta-se o Porto. A gaze cinzenta que «toiletizou» a cidade, que vestiu as casas de todas as idades, foge envergonhada. Acordam as janelas, acordam as electricas, principiam a abrir a boca os oceanos do industrialismo. Vai começar a romaria da vida, que é eternamente vida, — a vida do trabalho!

Escondidos nos casacos, em casacos que parecem fortalezas remendadas, em fortalezas que ousam invectivar o vento que as penetre... — atravessam as barreiras os primeiros exercitos de trabalhadores... para a grande guerra feita pela paz do trabalho... Pedreiros, carpinteiros, batalhões de voluntarios cheios de fé na victoria das

armas dos seus braços, passam apressados sob o comando da sua energia. E' a hora das avançadas gritantes! Os passos são marchas de clarins, firmes, resolutos... São passos que lavaram a cara da decisão e do devêr. Por todas as esquinas, vão continuando a surgir mais voluntarios... Este grande conflito trabalhista recruta todos os válidos, todos os mortais: — homens, os que dêvem ser os homens de amanhã, e mulheres de todos os anos... Em S. Bento, em Campanhã, os comboios despejam os alistados de mais longe. Leiteiras suburbanas, conhecidas, que veem amamentar a cidade pelos seus peitos de folha de Flandres, cantam seus pregões. E o ar principia a ser um prédio pintado de cartazes de sons, de pregões antigos... Nos barros de Avintes, naqueles barros que tem sempre os olhos abertos porque adormecem na agua, chegam as lindas pádeiras, tipos de beleza característica, de sonancioso caracter. Gritando, gritando mais do que andam, de Valongo, aparecem os carros típicos, madrugadores, que trazem um pão muito unico de sabôr, sem precisar de ser «tipo unico». Toda a feira garrida das vendedeiras, cantando silabas classicas, palavras soltas, que são o seu cartão de visita, batem às portas com o à vontade de pessoas que já se anunciaram de véspera, pelo telegrama da sua voz. E a manhã vai crescendo!...

As mãos operarias acordam os teares... Os mercados, os nossos dois mercados que recebem as visitas com balcões de flôres, levantam o sussurro de vozes e gargalhadas.

Já mais alta a manhã!... As lojas vão abrindo a boca das suas portas, numa alvorada de ais. E toda a cidade de boca aberta, de bocas escancaradas, parece estar com um grande apetite de negocio... Os holofotes do dia abriram-se... Passaram as costureiras, as nossas pombas de chale, a arrulhar com os seus caixeiritos... Os retardados, os retardados do sono, os que passam, vão zangados consigo proprios. E a romaria do trabalho intensificou-se. Todas as ruas embandeiraram as suas casas. Principia o bailado das mãos para dominar toda a matéria, para a ensinar, — o maior e mais sério dos bailados no *cabaret* da Terra. Das 9 para as 10, ainda o Porto, o Porto dos escritorios, o bancario e o burocrata, destila pelos passeios. Mas, ás onze, quando sôa a última chamada, o Porto entra no palco, está todo no palco do Trabalho, em que êle realiza as maiores criações de tenacidade e civismo!

*

Eu sei que há, no Porto, muitos espectadores para a grande representação do trabalho, que nada fazem, que só tem por vicio vêr os que trabalham... Mas, o Porto teria de aborrecer-se sem o espectáculo destes espectadores, destes títeres cosmopolitas que fizeram, dos sem vida que nada fazem, o maior divertimento para a vida dos que sabem viver!

M E D O

F A N T A S I A
I M P R E S S I O N I S T A

P O R

I R E N E



QUE horror! Eu ia a cair, a cair, a cair...
; Que horror, que má disposição!
De repente sinto gritos, pior ainda.
Sobressalto-me, desperto, envergo umas roupas, procuro, apalpo...

Aqui está o castiçal, enfim. Creio que o acendi. Fui pelas casas todas. Á minha frente fugiam rolos de sombras, na ponta da chama crepitava uma estrêla.

; Que estrêla!

Poisei o castiçal no chão, toda a casa se abrasou.

Estrêla, estrêla .. Estava eu a procurar uma frase, uma expressão exaltada ; trás! apaga-se a estrêla. Deu um estalido irreproduzível e ..

; Que ventania! Toda a casa baloiça, range. ; Que medo!

; Mas para que havia eu de invocar o medo?

Tornam os gritos a repetir-se, gritos, miados ou não sei quê.

; Miu! ; Miu! ; Miu!

Uns guinchos estridentes que acompanhavam o vento, uns apelos de afeição...

; Que havia eu de fazer?

Abre-se a janela com fracasso.

Sinto uma ramalhada, arrepio-me, esbugalho os olhos. Primeiro não vejo nada, mas depois...

Milhares, milhões de linguetas esbraseadas invadem a casa e colam-se ao teto. A iluminação é tão viva que se podem contar os pregos do sabrado. Um ser extravagante anda ás piruetas pelo meio da casa. Deu comigo e parou.

; Que olhos!

Os olhos dele eram como dois bugalhos de fogo; ora se apagavam, ora se acendiam.

Fui recuando até á parede; os olhos nunca me largavam.

O dono dos olhos ; seria possível?, era um gato verdadeiro, — êle é que miava ..

Estava em pé, tinha o rabo incomensurável, e quando o agitava enchia a casa de faúlhas.

; Gato!

Eu julgava que lhe falava, mas não, tinha a língua imóvel.

Ele então põe-se a rir, depois aos saltos e a cabriolar. Com as duas mãos livres, ora se finca nos pés, ora no rabo. ; Dá cada grito! e olha para mim...

; Meu Deus, que horror!

Parou, puxou o rabo, arrancou-o, esticou-o, enrolou-o e... abriu tanto, tanto, a güela...

; Lá vai! Enguliu o novelo do rabo em brasa, a arder. ! Gato!

Virou-me as costas.

; E se eu me escondesse?

Mal tive êste pensamento, desanda o vendo a urrar, a arremeter, a abalar o prédio.

; Trás! bate uma janela. Ouve-se a mesma ramalhada. Tornam a entrar mais linguas de fogo, tantas...

Tremo e sinto o coração que nem um bago de milho.

As linguetas cirandam, espetam-se no chão, chamejam, quási me queimam. Colo-me à parede e penso nas osgas, mas evito rir.

O gato dá um pulo, não é capaz de se chamuscar, cai sobre o parapeito, crusa a perna e olha para mim.

; Maldito!

Coça-se e atira-me as pulgas. ; Que pulgas! Não me chegam a atingir, porque incham no ar e dão um grande estoiro.

De vingança, o malvado desençaixa os olhos.

; Ai, se êles me acertam!

Vomitou o rabo, agora. Atrás do rabo vêm-lhe as tripas; ficam vivas, no chão, aos pulos.

; Quando é que isto acabará?

; E que ventania, meu Deus! A casa vem abaixo, morremos todos.

Todos, não, porque eu estou sózinha; se assim não fosse...

O vento derrubou o gato—jainda bem! — apagou as linguas de fogo — ; que alívio! deixou-me ás escuras, encolhida — a tiritar — ; não faz mal!

Procuro o castiçal, encontro-o. Levanto-o do chão e noto que está aceso.

; Milagre!

Na ponta da chama arde uma estrêla—uma estrelinha de oiro...

Estrêla, estrêla... Tento armar frases, uma invocação exaltada e não sou capaz.

Vou andando, atravesso as casas, chego ao meu quarto e persisto:

Estrêla .. estrêla... Dispo-me, deito-me e tento sempre: estrêla, estrelinha...

E adormeço, balbuciando:

Estrelinha...

IRENE

DESENHO DE ILDA

MONUMENTOS... ALGARVIOS

ROCHAS DO "BAL-FAR"
(VALE-DE-FARO — ALBUFEIRA)



SE AS ARTES DO PASSADO NÃO DEIXARAM NO ALGARVE, É CERTO, GRANDE PASCIO AO CURIOSO DE ANTIGUIDADES ARQUITECTONICAS, NEM POR ISSO SE PODE DIZER QUE A NOSSA ENCANTADORA PROVINCIA DO SUL SEJA MENOS RICA EM PRECIOSIDADES MONUMENTAIS DO QUE QUALQUER DAS SUAS RESTANTES IRMÃS. O MAR, ARTISTA MÁXIMO, CAPRICHOU EM BRINDA-LA, EM TODA A LONGA FÍMBRIA DA SUA COSTA, COM OS MAIS FORMOSOS PALÁCIOS DE ENCANTAMENTO E MAGIA QUE PODEM IMAGINAR-SE, SÃO COLUNELOS E GRUTAS, ARCARIAS E PÓRTICOS. CORUCHEUS E LAÇARIOS DO MAIS BRINCADO LAVOR, —TUDO NO OURO FULVO DAS SUAS ROCHAS —A ATESTAREM AINDA HOJE ESSA INDESTRUCTIVEL GRANDEZA..

O LINDO TRECHO QUE REPRODUZIMOS — «ROCHEDO BAL-TAR» É UM DOS PASSEIOS MAIS QUERIDOS DOS NUMEROSOS FREQUENTADORES DA APRECIADA PRAIA DO PENECO, EM ALBUFEIRA, QUE É, DEPOIS DA «ROCHA», A MAIS TÍPICA E CONCORRIDA DO ALGARVE.

Z É D A V I L A

CONTO REGIONAL PELA SENHORA CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

NUMA pequena aldeia do norte—perdida entre penhascos e oliveiras—duas raparigas graciosas e desempenadas caminhavam ligeiras por sobre a relva da pequena vereda, em busca da fonte da serra: saias rodadas, prezas na ilharga por vistosa faixa, chale airosamente traçado, lenço de ramagens garridas e o cantarinho á cabeça, sobre a pequena rodilha.

Repicava o sino. monótono e dolente, misturando vibrações sonoras com sons fundidos da natureza em flôr, e o sol—desaparecido já—espalhava no céu reflexos dourados, pouco a pouco amortecidos.

— «Ave Maria! . . . Eis aqui a escrava do Senhor . . .» — murmuravam as duas cachopas; e, ao findar a oração, repetiram alegres:

— Muito boas tardes, Senhor Vigário. . .

— Boas tardes vos dê Deus. . . — respondeu o velho, em voz roufenha, e continuou repisando padre-nossos e passando as contas do rosário que trazia.

— «Livrai-as do mal, Senhor. . .» — resmungou ainda; e a sua figura lúgubre, recortando-se no fundo escuro dos pinheiros, parecia tétrico fantasma, errando no mundo para cumprir triste fadário.

Apressando o passo, Rosa e Monica faziam ouvir o tic-tac das chinelas e as pedritas rolavam por sobre a relva da pequena vereda. Na fonte era grande o borborinho: enquanto os cantarinhos se enchiam, fazendo ruído sonoro de indísivel encanto, as raparigas conversavam desvontadas com os namorados e os passaritos chilreavam em busca do ninho. A lua, branca e redonda, espreitava já por entre a ramaria.

Encobertas pela árvore frondosa que ensombrava a fonte, Monica e José da Vila — mãos enlaçadas — murmuravam, misteriosamente, palavras entrecortadas e indecisas:

— Amanhã, ao despegar do trabalho, irei esperar na ribeira das Taipas, ao pé da figueira do morgado. . . valeu? . . .

— Sim. . . mas. . . como ha-de ser? . . . Tenho o carregio da roupa no lavadoiro. . . terei de levar Rosita que é esperta e ladina. . . dará fé de tudo. . .

— Não a leves que eu ajudo. . . e voltaremos depois. . . muito juntinhos pelo Vale dos Fétos. . . que é melhor caminho e menos pisado. . .

— E se a mãe ralha? . . . eu tenho medo de ir lá. . .

— E o coração da rapariga batia desordenado.

— Medo? . . . Mas de quê? . . . Como poderá ela saber? . . . O carro espera na mata. . . ninguém pode sentir. . . e nunca mais nos separamos. O pai depois dará licença. . . o Sr. Vigário é quasi um santo, fará um milagre. . . e depois. . .

— Depois. . . depois. . . seja o que Deus quizer! . . . murmurou ela, vencida e temerosa.

Era sol-pôsto: aos vinte anos, quem resiste ao sentimento adorável, nessa hora de poesia? . . .

*

* *

Zé da Vila era filho de honestos lavradores: franzino e delicado, foi logo de

criança destinado para padre, sem ninguém cuidar se tinha vocação para isso.

— Será o amparo das irmãs. . . — dizia o pai, reparando nas mãos mimosas que êle tinha e olhando-o com enlêvo:

— Dará galardão à família. . . com a sotaina escovadinha e aquela cara de Nicodemo. . . já o estou vendo á mesa dos fidalgos. . . como o Sr. Vigário. . . e

até será capaz de chegar a Bispo. . . o démo do rapaz! . . . que te parece Rosalina? — E ria bonacheirão.

— Sei lá, homem de Deus? . . . O rapazinho é novo. . . dá tempo ao tempo. . . e a terra chega bem para nos manter. Isso lá de fidalgos. . . são fidalgos. . . e o nosso Zé não é mais que a gente, nem que viesse a ser Padre Santo. . . como o de Romia. . .

— E então? . . . olha que é de carne e osso como êle. . . e tem uma memória admirada. . .

— Crédo. . . homem. . . nem compares, que pode o Senhor castigar. . . deixa lá essas ideias. Ora senta-te aí, que vou talhar a névoa que parece hoje pior:

— «Jesus, nome de Jesus!»

«Onde se nomeia três vezes o nome de Jesus, não ficará mal nenhum:

«Eu te talho uubeiro.

«Em parede verde e em parede sêca.

«Quem te talhar que te curará.

«A Virgem Nossa Senhora, que só ela poderá.

«O sangue de Nosso Senhor Jesus-Christo,

«Derramado nos braços da Cruz,

«Te limpe a bolida e a névoa,

«E te dê clara luz.

«Em louvor da Virgem Nossa Senhora, que me enviou estas palavras que eu não sabia:

«Padre nosso e Ave Maria».

*

* *

Entretanto, o rapaz estudava o seu latim com o bom Vigário e ia passando nos exames. Nas lindas tardes de Agosto, costumava levar os livros para a fonte, sentando-se no velho tronco musgoso, á sombra do grande sobreiro, ouvindo o tinguê-lingue da água corrente e o canto dos rouxinóis. Ali encontrava ás vezes a gentil Monica e conversavam sem mal cuidar; mas o povo principiou em murmurações e as comadres, ao soalheiro, resolveram avisar a tia Rosalina e o tio André, para salvar aquelas alminhas da tentação do diabólico. . .

O pobre rapaz, zurzido e ameaçado de ir para o Seminário, até cantar missa, se não deixasse a rapariga, resolveu fugir com ela, conforme combinou na fonte da serra, nessa tarde que decidiu o seu destino.

— Quero-lhe mais que á luz dos meus olhos. . . — dizia êle á mãe, que o consolava, sem suspeitar a sua resolução. — Peça ao pai que dê licença para o casamento. . . que eu não posso viver assim. . .

— Sossega filho. . . eu direi. . . e o Sr. Vigário ha-de ajudar. . . Deus nos valha!

— Adeus, mãe. . . adeus! . . . E partiu correndo, sem que ninguém mais o visse na aldeia.



*
* *

Sentada na soleira da porta, Monica trabalhava diligente no modesto enxoval de criança, e das suas mãos de fada, saíam engenhosas maravilhas.

Era sol-pôsto: Ao longe avistava-se a torre da igreja, envolta em brumas e ouvia-se vagamente tocar o sino, monótono e dolente.

— «Ave Maria!»... — Recordando a terra e a família, invadia-a brusca tristeza.

— Tão perto e tão distante! — murmurou. E as lágrimas banharam-lhe o rosto, pálido e emmagrecido.

— Que saudades... que saudades!... — Triste preságio lhe confrangeu o coração, ouvindo piar um môcho e uivar o cão do gado. Dobrou a costura e entrou em casa, mas pouco depois principiou sofrendo. Toda a noite gemeu com horribes dores e a criança nasceu de madrugada.

Recostada sobre o peito do companheiro, dizia em voz sumida.

— Não a abandones, José... o que há-de ser da nossa pobre filha?... Não quero morrer... não me deixes morrer agora...

— Não morres, não... meu Amor! Lá vem o Sr. Vigário abençoar-nos... o pai já deu licença... e depois...

— Depois... depois... — repetiu ela, procurando ainda sorrir.

Mas o Vigário — depois da bênção — apenas teve tempo para lhe dar a Santa Unção, baptizando a pequenita que mal respirava. Extenuada e sem forças, Monica deu o último suspiro, aconchegada ao seio do infeliz Zé da Vila.

Sobre a mesa de pinho, ardia ainda a vela benta e havia flôres junto do crucifixo.

.....
Era sol-pôsto: Dobrou o sino triste e dolente e o fêretro passou.

.....
Decorridos alguns meses, repicaram sinos alegremente e a igreja engalanada, com profusão de flôres e círios, enchia-se de povo, que devotamente ajoelhava, beijando o anel do Prelado, com respeitoso carinho.

O velho André, dando o braço á Rosalina, estava radiante:

— Ainda ha-de ser Bispo, o nosso Zé... verás... dizia para a mulher. Mas ela, comovida, recordava a pobre Monica e a netinha, que não chegou a conhecer a mãe:

— Deus assim quiz, mulher... não ouviste o que pré-gou o Sr. Vigário? «Libertou Deus o rapaz das ligações do mundo, mostrou-lhe o caminho do céu...» E agora

que se ha-de fazer?.. E' só pegar-lhe com trapo quente... Vá... vá... Limpa essas lágrimas e faz cara alegre, que é só alegria que hoje se quiere.

As harmonias do órgão e as vozes frescas do côro, interromperam as observações de André. O Bispo principiou a comovente cerimônia.

Muito pálido, nos seus hábitos talaes, Zé da Vila cantou Missa Nova.

*
* *

Seguindo o caminho da fonte — em devota peregrinação — o novo padre foi sentar-se no velho tronco musgoso, debaixo da sobreira grande, onde costumava encontrar Monica, ouvindo absorto o tinguê-linguê da água corrente e o canto dos rouxinóis.

— Lá foram hoje os pregões da nova bôda... — dizia o Manoel das Violas á Rita Pelaia, enquanto o cantarinho se enchia na bica maior:

— Só faltam três dias, mulherzinha dum Santo!...

— Isso cantés... homem de Deus... inda a capoteira não chegou e a saia nova só terça-feira estará pronta... se a tia Carapineira não mentir... como é costume...

— Com mil Diabos!... Será ela capaz disso?... Olha que ha-de ser o Sr. Padre Zé quem nos ha-de dar as bênçãos... pois... lá está êle a scismar...

— Ora muito boas tardes... e muitos parabens... que isso é que foi uma festança... com Bispo e tudo... E apertou-lhe a mão alegremente, sem pensar que debaixo da negra sotaina, palpitava ainda um coração lacerado.

— Obrigado... lá estarei para as bênçãos na quinta feira... não faltarei.

Era sol posto: O sino repicava monótono e dolente, misturando vibrações sonoras, com sons fundidos da natureza em flôr, e o sol — desaparecido já — espalhava no céu reflexos doirados, pouco a pouco amortecidos.

Absorto na leitura do breviário, quedou-se o padre longo tempo, até que da fonte todos partiram em animados ranchos. Então, fechou o livro santo e as lágrimas, longo tempo reprimidas, banharam-lhe o rosto emmagrecido, correndo em liberdade.

Toda essa noite errou por ntre o arvoredado, descansando apenas no cemitério e sobre a humilda campa da pobre Monica, coberta de Rosas e lila es.

De manhã, quando subiu ao altar para dizer a missa das Almas, o mulherio descobriu com surpresa, que o novo padre tinha os cabelos brancos.

Lisboa, 1925

CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

OOO

NOVIDADES LITERARIAS

“CONTEMPORANEA”

Recebemos o n.º 1 da 3.ª série desta esplendida revista, que o *savoir foire* de José Pacheco conseguiu impor como modelo de arte grafica moderna.

DOIS LIVROS BRASILEIROS

A Retirada da Laguna, pelo Visconde de Taunay, e *Recordações da Campanha do Paraguay*, pelo general José Luiz Rodrigues da Silva, são dois livros brasileiros preciosos, que nos acaba de remeter, por intermédio do nosso illustre compatriota sr. J. Alves Dias, a secção editora da grande *Companhia de Melhoramentos de S. Paulo*. Importantes repositórios de documentos e narra-

ções sobre a agitada guerra do Paraguay, ambos se apresentam numa linguagem vernácula, elegante, viva, — numa linguagem castiçamente portuguesa. A presente edição d'*A Retirada da Laguna*, que já vai no 27.º milheiro foi traduzida da 5.ª edição franceza, pelo dr. Afonso d'Escragonle Taun'ay, filho do autor, que a enriqueceu de abundantes documentos iconográficos e escritos officiaes. *As Recordações da Campanha*, forçam a vida íntima dos acampamentos do exército e sua pequena tactica, nessa memorável campanha de cinco largos aros, que foi a consequencia imediata da do Estado Oriental do Uruguay, iniciada, a 12 de Outubro de 1864.

A' editora e em especial ao nosso querido compatriota, sr. José Alves Dias, activo representante da grande Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, os nossos sinceros agradecimentos pelos exemplares remetidos.

V I D A D E S P O R T I V A

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA SUA IMPORTANCIA NA SOLUÇÃO DA CRISE NACIONAL

ESTÁ dito e redito que a crise nacional é uma crise de educação.

Definindo a situação angustiosa que há já muitos anos vimos atravessando, aquêles que de perto têm estudado o assunto, classificam-na de «verdadeira crise social e moral; crise social pela incapacidade de os dirigentes nos fazerem sair do estado em que nos encontramos; crise moral caracterizada pela impossibilidade de transformar numa vontade reflectida as nossas tendências e os nossos impulsos.

O problema agrava-se de dia para dia, de hora para hora.

Os propagandistas do ressurgimento nacional, apontam como *remédio* para debelar o *mal*, o procurar satisfazerem-se as aspirações mais íntimas da nossa sociedade, dando-lhe uma alma nova, um novo ideal que desperte e torne conscientes todas as actividades individuais.

E isso consegue-se *educando*. O trabalho verdadeiramente construtivo consistirá em lançar as bases da educação nacional na sua completa integração, sob os seus aspectos fundamentais — físico, intelectual e moral.

A crise nacional é, portanto, uma crise de educação, e como tal, têm de ser resolvida.

Ora, *educar* é aplicar científica e metódicamente um conjunto de meios adequados a encaminhar o desenvolvimento individual, fazendo atingir o mais completamente possível o ideal da perfeição humana.

A educação é um *todo*. A evolução fisiológica do homem prova-nos que em nenhum momento da vida se apresentam separados, como fenómenos essencialmente diferentes e independente, os que se referem ao organismo físico e os que afectam a vida psíquica. Só para facilidade de estudo ou de aplicações se consideram separadamente várias espécies de educação, harmonia com os agentes que mais particularmente estimulam as qualidades físicas, as qualidades psíquicas, etc.

De harmonia com este critério, o nosso Regulamento Oficial de Educação Física diz-nos que deve entendêr-se por educação física, a parte da educação que dirige a prática dos meios físicos actuando sobre o corpo e por meio d'êle, e tendo por fim o aperfeiçoamento e desenvolvimento harmónico e integral das funções orgânicas e formas de actividade individual, cooperando desta maneira na perfeição integral do homem.

A educação física têm, portanto, como *objectivo*, preparar os indivíduos para alcançar e conservar a regularização do funcionamento orgânico.

Desta maneira pode dizer-se, legitimamente, que a edu-

cação física deve ser a base de toda a educação. A educação física assim considerada, aparece, pois, no seu verdadeiro lugar, no sistema educativo, formando parte integrante de um todo de que não pôle diferenciar-se, nem desprender-se.

Está demonstrado que os agentes exteriores produzem modificações estáveis no tipo físico; o organismo é, pois, susceptível de ser modificado.

A educação física propõe-se precisamente esse aperfeiçoamento. Os órgãos variam e modificam-se de acordo com as existências funcionais e desaparecem ou atrofiam-se quando a função se suprime.

E' conhecida a lei da fisiologia: a função é que faz o órgão.

A observação demonstrou também que para conseguir o grau de maior desenvolvimento orgânico é necessário chegar ao maior grau da actividade funcional.

Nem uma só função do organismo humano escapa a esta lei fisiológica.

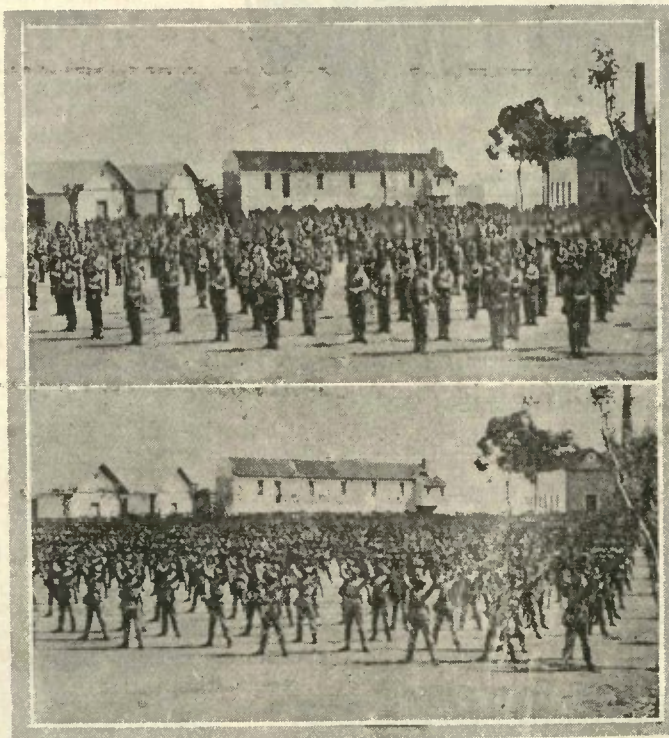
A harmonia funcional deve ser também uma condição indispensável do aperfeiçoamento biológico. O organismo, sob o ponto de vista fisiológico, é um conjunto harmónico, um *todo* funcional, uma *função*, que é a vida, e um *órgão*, que é o homem. A lei fisiológica do aperfeiçoamento funcional e orgânico têm que reger também este todo, donde o deduzir-se que a harmonia funcional deve ser também uma condição indispensável ao aperfeiçoamento biológico.

O objecto fundamental de toda a educação do homem é precisamente o seu aperfeiçoamento funcional, desenvolvendo e criando aptidões que o preparem para a luta da vida no meio social. E da mesma maneira que a educação intelectual e moral se propõem o aperfeiçoamento intelectual e moral do homem, actuando especialmente sobre as aptidões especiais correspondentes, também a educação física se propõe, como um agente especial, a perfeição física,

funcional e orgânica do indivíduo, procurando obter, sob o ponto de vista higiénico, económico, estético e psíquico, respectivamente, uma melhor saúde, uma maior destreza, uma maior beleza e uma melhor base para a actividade psíquica, isto é, para a vida moral, intelectual e social de cada um.

Integrado assim o problema da educação física dentro do problema da educação geral, determinado perfeitamente o seu âmbito, fácil se torna calcular a importância grande e o papel preponderante que a educação física deve desempenhar na solução da crise nacional.

RIBEIRO DOS REIS



O CONSELHO DIRECTOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DO CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA, de que é alma o inteligente e ilustre Capitão-Tenente sr. Peres Murinelo, reuniu na vasta parada do quartel do Serviço de Torpêdos Fixos, em Paço d'Arcos, as escolas de recrutas de todo o Campo, para várias demonstrações físicas, tendo estas sido muito apreciadas, pela correcção nos movimentos e aprumo dos novos soldados.

(Fol. do sr. Capitão Lemos)

ARTISTAS PORTUGUESES

HENRIQUE CESAR DE ARAUJO POUSÃO

HENRIQUE CESAR DE ARAUJO POUSÃO, mais conhecido por Henrique Pousão, foi um dos artistas portugueses que melhor soube encarnar o maravilhoso e sublime engenho da pintura. Se a sua curta carreira na vida, não o deixou alcançar maior triunfo, bastam nos esses poucos trabalhos que nos legou, para que a sua memoria não deva apagar-se da nossa admiração.

Henrique Pousão nasceu em 1 de Janeiro de 1859, na freguesia de S. Bartolomeu, de Vila Viçosa, e não no Alandroal, como erradamente diz o «Dicionário de Portugal», a pags. 1021, vol. V, letra N. R. Era seu pai o bacharel, poeta, arqueólogo e orador consumado, Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão.

Em 7 d'Outubro de 1872, matriculou-se Pousão na Academia Portuense de Belas Artes, e fez os seus primeiros exames em Agosto do ano seguinte. A sua vida escolar, foi sempre de grandes triunfos, conquistados dia a dia, já pela sua bela inteligência, já pelo desejo constante de querer ser alguém na arte de pintar,—e onde, de facto, conseguiu obter vários prémios e as mais altas classificações.

Terminado o seu brilhante curso na cidade «Invicta», foi admitido ao concurso de pensionista do Estado, no estrangeiro, em pintura de paisagem, conseguindo conquistar um dos primeiros lugares entre muitos pretendentes a essa distinção.

Em fins de 1880 seguiu o jovem pensionista para Paris, e foi então que se começou a dedicar ao trabalho com verdadeiro afiço, até que uma bronquite traiçoeira lhe veio fazer germinar a terrível doença, que o havia de arrebatá-lo ainda no principio duma mocidade já tão cheia de afirmações.

De Paris, foi depois para Itália, onde, em Piza, entrou como sócio no Circulo dos Artistas;—e uma vez em Roma, pintou o quadro intitulado «Cecilia», fazendo com elle a sua estreia no «Salon anual de Paris», em 1882.

Eis a critica que o «Ocidente» de Setembro de 1884, dedicou a tão primorosa obra, porque de facto o era,—pois que

ALMA VERDADEIRA
DE ARTISTA E ESPIRITO DOS MAIS CULTOS, NA ARTE DE PINTAR



no «Salon» só se admitem obras de verdadeiro merecimento:

«O quadro «Cecilia» é pintado com muita correção de desenho e finura de entoações, deixando perceber através da gravura um colorido discreto e tranquilo, feição dominante do seu autor. Reproduz o tipo de uma joven aldeã romana em costume do seu país, de fartos cabelos pretos e tez excessivamente morena, característica daquela raça, um pouco semelhante á cigana, e que junto á nave do templo reza acompanhada do seu livro de orações.»

Sempre com amor ao estudo, visitou a seguir Pompeia, Vesúvio, Nápoles, etc.

Mas devido aos impertinentes sintomas da doença, que o havia de vitimar, viu-se obrigado a retirar para Portugal, visitando no trajecto algumas cidades que ainda não tinha admirado, como Castelamar, Valencia, Sevilha, Huelva, Aymonte e muitas outras.

Chegado a Odemira, ali faleceu a 27 de Março de 1884.

Dos seus trabalhos, que mereceram grandes elogios, e de que a maior parte se encontram na Academia onde estudou, podemos citar, entre outros:

«Impressões e esboço de arredores de Paris»;—«Costume» — representando uma velha a dobar;—«Artes de Sol»;—«Paisagens de Copri»;—«Esperando o successo»;—«Il Delitto», de Francisco Mancini, que se encontra no real palácio de Capo di Monte; etc., etc.

Quando frequentou a Escola de Paris, Henrique Pousão alcançou, além de muitos elogios e louvores, também algumas medalhas.

Depois do que fica, não exageramos se collocarmos Henrique Pousão ao lado daqueles que na história da pintura deixaram um nome e grato memória de si.

ALBINO LAPA

Lisboa, 1926.

T E A T R O S

O NACIONAL

O NOSSO primeiro teatro, que, segundo consta, vai perder a designação de que se tem mostrado ultimamente tão infeliz detentor, foi solicitado, por um grupo de artistas, de que fazem parte, como directores, Ilda Stichini, Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, para uma exploração transitória de dois meses.

Uma das primeiras peças a representar, será a comédia francesa «Le Petit», cujo protagonista, um rapazito, será interpretado por Ilda Stichini.

«BA-TA-CLAN»

QUANTO uma desilusão para muitos, não se pode dizer que a companhia de revista francesa «Ba-Ta-Clan», que o ilustre empresário sr. José Loureiro acaba de apresentar no Trindade, não seja um notavel elenco artístico. Georges Milton, que na primeira de «C'est Paris» apalçou um pouco algumas scenas, é um cómico excelente; Vitry, um belo galã, e Madame Basimi, embora um tanto pesada já, tem voz e linha distinta. E quanto ao

fornoso grupo das «Girls», elle pode considerar-se um encanto em todas as plateias. Há vida, mocidade, vibração e desenvoltura, nessas endiabradas raparigas.

Enfim: no artistico, scenarios deslumbrantes e belas combinações coreograficas,—embora um simples arremêdo do que se faz e ostenta em Paris.

A primeira noite da «Ba-Ta-Clan», foi a menos feliz. «C'est Paris» não é uma revista de estreia é uma *blague*. Com a 2.^a—«Cachez Ça»—e a 3.^a e última—«Au revoir»—, os ruidos de desaprovação da «première» serenaram, transformaram-se em aplausos . . . e hoje quasi sentimentos já, porque não dizê-lo?, desejos do breve regres soda «Ba-Ta-Clan», do Brasil, para onde acaba de seguir em «tournée», com o mesmo empresário.

O NOSSO CARTAZ: — PALCOS E CINEMAS

S. LUIZ — A's 9,15 — «O homem das 5 horas» e a «binette» «Papo São».

APOLO — A's 9,15 — «A Severa».

EDEN — A's 9 e ás 11 — «Fox-Trot».

AVÉ DA — A's 9,15 — «O Dr da Mula Russa».

SALAO FOZ — A's 3 e 9 15 — Films. variedades e «Fox Melody Band».

POLITHAMA — A's 9,30 — «O Leão da Estrela».

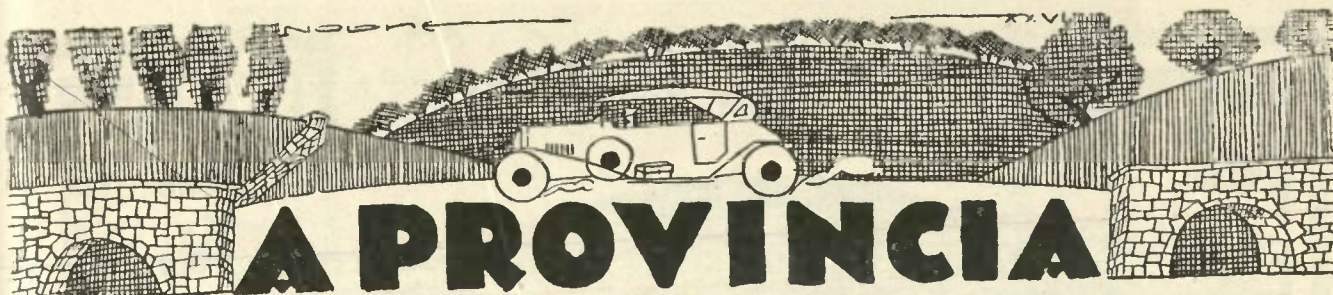
OLIMPIA — R. dos Condes — Animatógrafo.

CHIADO TENRASSE — R. Antonio Maria Cardoso.

SALAO CENTRAL — P. dos Restauradores

CINEMA CONDES — Avenida da Liberdade

TIVOLI — Avenida da Liberdade — Animatógrafo.

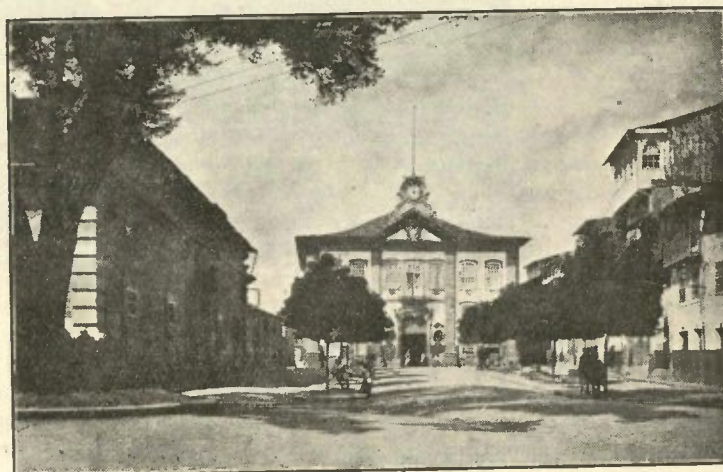


POR TRAZ-OS-MONTES:

CHAVES TERRA DO FUTURO

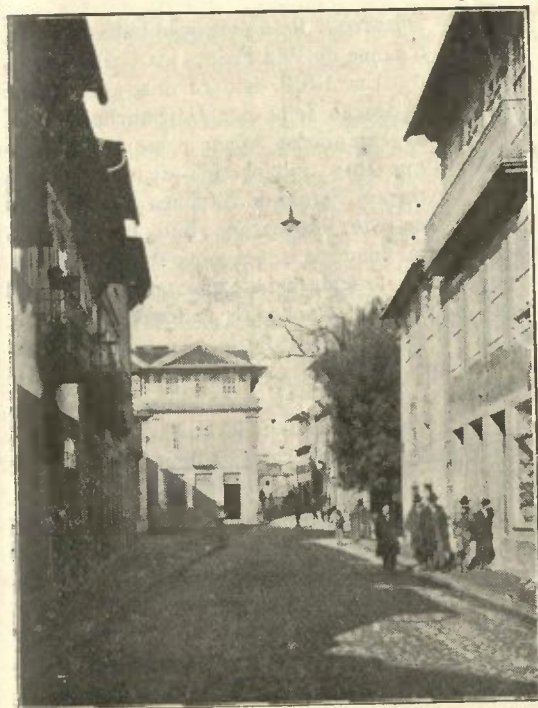
CHAVES tem empreendido nos últimos anos uma série de melhoramentos que gradualmente a vão colocando a par das demais terras onde a civilização não é um mito, nem a luz refulgente do progresso, uma ficção.

Chaves foi sempre um baluarte inexpugnável de heróis e de combatentes, tendo desde remotas eras, a iluminá-la, o facho espiritual das suas lendas imbuidas de um nobre e cavalheiresco romanticismo, e a enaltecê-la a radiosa heráldica dos seus trofeus de glória.



CHAVES—Paços do Concelho e Largo de Camões

(Fotogr Alves)



CHAVES—Uma rua

(Fotogr Alves)

Desde 1919, mercê do árduo esforço de seus filhos, que entranhadamente a amam e estremezem, esforço polarizado no trabalho titânico das suas ultimas vereações e na vontade férrea e inquebrantável da Sociedade de Defesa e Propaganda, Chaves resurgiu das suas escuras muralhas, exteriorizando uma notável energia e erguendo o dorso coleante até á conquista das finalidades mais urgentes do seu viver interno.

E com orgulho a vemos seguindo, na senda rasgada que a si mesmo traçou, devendo transmutar-se em meia dúzia de anos, numa das estrêlas de ouro mais refulgentes do norte de Portugal.

S. M.

VILA REAL

O Grupo de Adueros N.º 24

Em Vila Real foi Constituido há 10 mezes um Grupo de Adueros, que conta 200 alistados, carros sanitário e de material, bandeira em sêda, oferta de um benemérito, banda de música, etc.

A referida banda de que damos uma fotografia, tem recebido instrucção dos músicos de infantaria 13, e tão satisfatório tem sido o seu aproveitamento, que já se apresenta em público em concertos, como ainda há dias num aduar e nas festas da cidade.



VILA REAL—A banda de música do grupo de aduelros n.º 24

(Fotogr. do sr. Trindade Chagas)



Castelo Branco—Vista geral

(Fotografia do sr. dr. Manuel Pessôa)

CASTELO BRANCO

ABSOLUTAMENTE averiguado está hoje que no alto do monte sobrejacente à actual cidade existiu uma povoação ou, pelo menos, um *castrum* romano. Algumas pedras com inscrições latinas foram encontradas, e se é certo que, infelizmente, não houve o bom senso de as conservar, foram contudo recolhidas as respectivas inscrições. (*)

Quando D. Afonso Henriques, em 29 de Novembro de 1203 (1165 da era christã), conquistado já todo o município da Egítania (hoje Idanha-a-Velha), fez dele doação à Ordem dos Templários, não existiam já senão miseráveis ruínas da primitiva povoação romana.

Em 5 de Julho de 1198 repetiu D. Sancho I, na vila da Covilhã a doação feita por seu pai, especializando então nela a Açafa, grande trato de terras cujo centro é marcado pelo monte onde depois os freires da Ordem do Templo fundariam o castelo que corôa a actual povoação.

Não antecipemos, porém, visto como ainda desta feita os Templários, cujo tempo não sobrava das contínuas pelejas, não começaram a povoar nem sequer tomaram posse dos terrenos doados.

Foi então que Fernando Sanches, fidalgo aventureiro e pobre, constatando a posição defensável do monte e o desinterêsse ou afastamento ocupado dos Templários, veio fundar a povoação nas ruínas romanas. E como a colina, abundante de cardos, fôsse conhecida tradicionalmente pela Cardoso, e como na empresa o tivessem acompanhado alguns colonos estrangeiros dos que D. Sancho chamára para a sua obra da povoação (e que genericamente se denominavam

NÓTULA HISTÓRICA

— I —

ORIGEM E FUNDAÇÃO À LENDA E A HISTÓRIA

francos), foi a povoação batizada com o nome de Vila Franca da Cardoso.

Em 1209, isto é: onze anos após a doação feita por D. Sancho, vindo os templários tomar posse das terras que lhes tinham sido doadas, encontraram Fernando Sanches estabelecido na *sua* povoação. Não havia outra

coisa a fazer senão entrar em negociações com o senhor directo. Este doou a povoação á Ordem, metade em sua vida e outra metade por sua morte (**). Para mais facilmente fazêrem esquecer o facto e o fundadôr, dando-se a si próprios como verdadeiros fundadores, lhe mudaram o nome para Castelo Branco e levantaram o castelo sobrejacente à povoação. Pouco

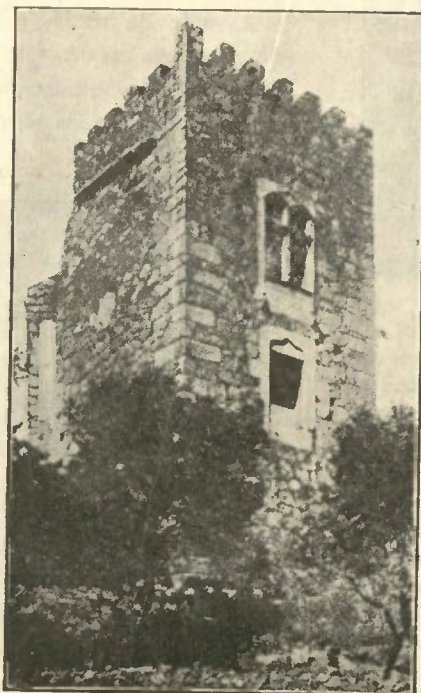
depois era-lhe dado foral, e Castelo Branco passava a ser capital duma perceptoria.

Até aqui a História, em que, com divergências mínimas, são concordes Hercúlo e Viterbo.

Natural e paralelamente há a Lenda. E a Lenda diz que na base do triângulo cujas vértices são as actuais capélas de S. Martinho, ant'Ana e Senhora de ércules, existia, a cerca de 2500 métrros da actual, uma povoação: Belgaia.

Sobrevindo uma epidemia que dizimava os gados, notaram os belgaies que o gado, mal se apanhava sóto se encaminhava para a colina da Cardoso, onde pascia e se restaurava, enquanto ia definhando e morrendo o que continuava a sêr apascentado no termo da povoação. Por isso resolvêram os belgaies abandonar a Belgaia e os seus campos, vindo estabelecer-se na colina da Cardoso.

José Brandão



Castelo Branco—O Castelo dos Templários

(*) António Rôxo - «Monografia de Castelo Branco»,
Tip. Progresso, Elvas, 1890.

(**) Alexandre Hercúlo - «História de Portugal».



COLONIAS

A MENTALIDADE DO INDIGENA AFRICANO BANTU

POR
C. R. M.



SEBASTIÃO Luiz de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira era um herói português de lenda, um dos netos do celebre alcaide do castelo de Faria, Nuno Gonçalves. Português da gema, e destemido como ele; oferecera-se ao General Pereira de Eça, para um arriscadíssimo serviço de exploração ao forte do Mulondo, junto ao qual os indigenas da margem esquerda do Cunene estavam em armas contra nós. Foi isto em 1915. Partiu a cavalo levando 4 camelos com armas, rancho e munições, um interprete mulato, «caputia», como lhe chamam, 20 soldados angolas e um segundo cabo indigena; e com essa diminuta força e tendo errado o caminho, chegou ao fim de 3 dias de marcha em frente do forte do Kiteve, mais a sul.

Roby era estimadíssimo dos seus soldados, e sabia respeitar-se muito.

Ao chegar perto do forte, ordenou que ensarilhassem armas, ao que o caputia anuiu; mas o cabo indigena, disse-lhe que em terra de preto em guerra, deviam ter as armas junto a si. Roby rio-se e disse-lhe que era medroso. Foram a pouco e pouco cercados por indigenas inimigos fazendo babaré e pedindo comida, o que mandou dar a todos. O cabo, porém, como inteligente, disse a Roby que estavam todos armados, e com as armas escondidas, e longe, guardavam todos os caminhos, e tornou a dizer-lhe que era bom pegarem em armas, ao que ele respondeu que o que o cabo tinha, era medo, e se fosse landim que não falava assim. Roby era um destemido, mas desconhecia o modo de ser dos angolas em guerra. O cabo retorquiu-lhe:

— “Então nosso, não roubou mulher, não faz mal, porque vem eles de espingarda?, e porque gente guarda caminho?” Roby, levantando as calças, mostrou-lhe uma ferida que os pretos lhe tinham feito na outra costa, dizendo:

— “Não tenho medo deles, quando chegar o perigo chamarei!”.

O cabo disse, voltando junto dos soldados:— “nosso capitão não vê bem, vamos ter guerra, então vamos já comer primeiro”, e abancaram apressados. Ao acabarem a merenda um grupo de inimigos armados — chegou-se ao pé deles, e o cabo mandou pegar em armas; estavam completamente cercados. Só então o Roby se levantou desconfiado. E pouco depois o caputia caía morto, atingido por uma bala de um preto com quem conversava para a outra margem. Roby era miope, mas teve tempo de por os oculos, e rodeado dos soldados deu a voz de fogo, disparando ele certos tiros. Mas os inimigos eram muitos, e avançavam aos saltos, muito rapidamente; caíram os oculos ao Roby; já não via para se defender a distancia, e por um preto, já d’ele muito perto, foi atravessado com uma grande bala de espingarda lazarina, pelas costas, rompendo-lhe o fígado, e caiu morto redondamente. O que foi então a avançada dos indigenas não se descreve; mas como

eram muito vorases, vinham dizendo que não queriam faser mal aos soldados angolas, sómente queriam os camelos, a comida, as munições e o corpo do branco e o seu cavalo, começando a saquear o acampamento.

O cabo indigena então, com grande sangue frio, conseguiu segurar no meio dos soldados dois camelos, junto ao cadaver do Roby, e grita aos seus. “Então quando o nosso capitão estava vivo, mandava em nós, e agora que está morto vamos dar o seu corpo?! Não!!!! Fogo!—e a esta voz os soldados, disparando contra os indigenas, começam a pô-los em debandada e estabeleceram uma clareira em torno. De longe os pretos Kiteves faziam alguns tiros, e continuavam gritando que só queriam os dois camelos, as munições e o corpo do capitão. Mas o cabo e outro soldado pegam no corpo do Roby, escarrancham-no sobre um dos camelos, prendem-o bem com cordas, para que parecesse vivo, e mandando o cabo separar os seus homens em duas esquadras, uma á direita e outra á esquerda, no caminho do Mulondo, começa a sua heróica retirada, dizendo aos seus: — “capitão estava vivo, capitão mandava, capitão está morto, mas capitão manda fogo!!!—e ia ordenando descargas sobre os indigenas, até que perto da noite, com esse espectro sobre um alto camelo, apareceu na orla do mato, que rodeia o Forte do Mulondo, onde foram recebidos pelo coronel Amaro Dias da Silva, que fez sentidos funerais ao herói português.

Hoje, o modesto herói indigena foi promovido a primeiro cabo, teve a medalha do valor militar e está fazendo serviço como contínuo na secretaria das obras públicas de Lubango.

Passaram tempos, e um dia o capitão medico Sr. Cortez Pinto, que fizera parte da coluna do Evale, em 1915, disse a um dos soldados que acompanhava essa valente patrulha, e um dos que melhor se portou na retirada sobre Mulondo: “Sim senhor, então você é um valente; atirou-se para a frente, sem medo nenhum!”.

“Tem medo senhor” — lhe respondeu o indigena”.

“O seu mariola, então você está a mangar com a gente e diz ter medo!”

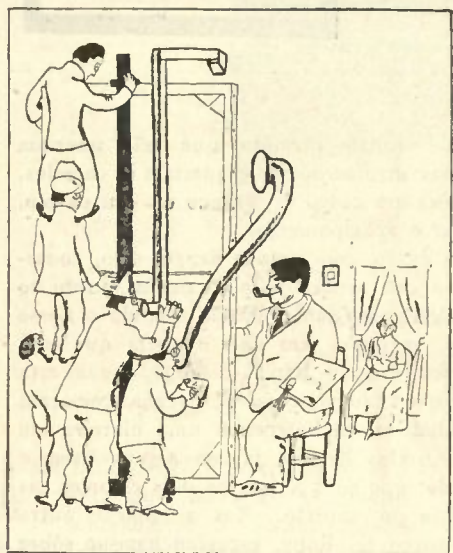
— “Tem medo senhor” — respondeu — “eu esplico:”

Olho vê pirigo e diz á cara que ande para a retaguarda, mas coração diz á cara que vá para a frente, e então nosso vai para a frente, mas tem medo Senhor! Sempre que cara manda mais, nosso vai para a retaguarda; sempre que coração manda mais, nosso vai para a frente, — mas tem sempre medo, Senhor”.

ECOS

Pela Agência Geral das Colónias em Lisboa foi aberto um concurso de literatura colonial, com valiosos prémios para as melhores obras.





A Solidão de Picasso
(Jean Oberlé - «L'Art Vivant»)



— Ena! uma construção apurmad! ... O que é que isto representa?
— A Torre de Pisa.
Cg Javy - «Le Journal» Paris.

E
B O M
H U M O R

TIPOS
TÍPICOS

ENTRE COMPADRES

ERTO padeiro comprava diariamente meio quilo de manteiga a um tendeiro seu visinho, mas uma vez pareceu-lhe que na manteiga havia falta de pêso e, comprovada a falta, foi denunciá-lo.

Comparecido o tendeiro ante o juiz, este perguntou-lhe;

- ¿Tem balança na sua loja?
- Sim, senhór.
- ¿E pêsos?
- Não, senhór.
- Então, ¿como pesava você a manteiga?
- Com meio quilo de pão que diáriamente compro ao padeiro que me denunciou; assim, se há falta de pêso, a culpa é dêle e não minha.



Reminiscências tradicionais algarvias:
— O «blôco» de Olhão (des. de R. Nobre)

PÓ DE ARROZ

Ha anos, num banquete celebrado no norte, em louvôr das Filhas de Maria, um cura, ao levantar a sua taça, exprimiu-se assim, num grande sorriso de bemaventurança:

Não ha nada como o vinho,
Viva o gôsto e a alegria,
Vou despejar este copo
Pelas Filhas de Maria.
Meus senhores! A' saude:
Copo abaixo; e, entretanto,
Arcanjos e Serafins,
Dizei todos: — Santo, santo!

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

FITA DA QUINZENA

por Alfredo Candido



NÃO ME VIRO, NEM ME VOLTÓ
— REVOLTO-ME ...
E... JOGÓ AS CABEÇADAS.

OS GARÓTOS JÁ DÃO LIÇÕES
A' AUTORIDADE, PARA A-
PRENDER.

A METER AS BOLA:
NA ORDEM.

VAMOS ABRIR A PORTA AO
S'º ANTONIO, QUE HA TEMPO
ANDAVA PELOS OLIVAES DE
SACAVEM.

COMEMOS PÃO DE CIMENTO
ARMADO E BEBEMOS AGUA
FRESCA DE CLORETO DE CAL.

PELO QUE O REGIMEM,
AQUI JAZ DE PEDRA E CAL.

- 9 BROCHADO (Alfredo) — «O sangue dos heróis» — Ode, 8 p., Amaranthe, 1921.
- 10 «CARTAS DE FRANÇA, do soldado á sua namorada» — folh. 8 p., c. il., Tipogr. da casa Progresso, Lisboa, s. d., Edição de Salvador dos Santos Romano. (É o volume n.º 13 da «Colecção Popular»).
- 11 CASIMIRO (Augusto... dos Santos) — «A Hora de Nun'Alvares» — 48 p., c. il. por Alberto de Sousa, Tipogr. da Sociedade Tipográfica Editora, Lisboa, s. d., (1917), Edição da «Atlantida», Lisboa.
- 12 «CEROULAS (As) do Kaiser» — folh. 8 p., c. il., Imprensa Lucas, Lisboa, s. d., Edição da Livraria Barateira. (É o vol. n.º 24 da «Colecção Popular»).
- 13 CORRÊA D'OLIVEIRA (António) — «Soldado que vais á guerra» — 83 p., il. com vinhetas, Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1918. Edição da Livraria Portugália, Lisboa.
- 14 «DESPEDIDA (A) dos nossos officiaes e soldados que vão para a guerra» — folh. 8 p., c. il., s. l., s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 15 DIAS (António)-(Nofitano Saide) — «Grito de Camões» — folh. 14 p., com retrato do Autor, Minerva Central, Coimbra, 1916.
- 16 CARVALHO (Xavier de) — «Cantos épicos da Guerra» — folh. 32 p., Paris, 1918.
- 17 CALDAS (José Luiz de) — «Mundo de feras» — Poemeto, 69 p., Lisboa, 1924.
- 18 NUNES DA MATTA (José Filipe) — «O Regresso (Homenagem á Franca)» — folh. 15 p., Tip. e Impr. da Livraria Fern, Lisboa 1917. Tem 2.ª edição, correcta, em 1918, com prefacio, «Explicações», do Autor. Na capa-frontespicio, como epigrafe, 4 versos, da pag. 15.
- 19 IDEM — «O Sonho do Kaiser» — folh. 32 p., Tip. e Impr. da Livraria Fern, Lisboa, 1916, (Janeiro). Tem 2.ª edição (Abril de 1916), 35 p., uma «Explicação prévia» do Autor, em presa, e o sub titulo «Versos heroicos referentes á maldição do Kaiser, lançada por Deus, o seu grande amigo»; Tip. e Impr. Livraria Fern. Tem 3.ª edição, correcta, em 1918, com 19 p. e um prefacio; na mesma Tipografia.
- 20 IDEM — «A Guerra pela Paz e Liberdade!» — folh. 7 p., Tip. e Impr. da Livr. Fern, Lisboa, 1917. Com um prefacio, «Explicação», do Autor e uma nota ás palavras «negra coroa», da epigrafe e da pag. 7. Na capa-frontespicio, com epigrafe, 4 versos.

NOTA — No exemplar que possuo, oferecido pelo Autor, emendou este por sua mão dois versos, a pag. 4:

Logo, jamais o monstro poderá
 Ronbar vitória aliada, certa já
 Logo, jamais o monstro roubará
 A vitória aliada, certa já.

- 21 IDEM — «O casamento do ex-Kaiser, o principal responsável da Grande Guerra» — folh. 15 p., Tip. da Cooperativa Militar, Lisboa, 1922.



NOTAS SUBSIDIÁRIAS
 PARA UMA
 BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

DA

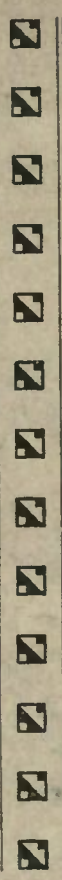
GRANDE
 GUERRA

PELO CAPITÃO

JOSÉ BRANDÃO



LISBOA
 1 9 2 6



NOTAS SUBSIDIARIAS
PARA UMA BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA
DA GRANDE GUERRA

1.ª PARTE

OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS

TITULO II
LIVROS

- 1 ALMEIDA RUSSO (Kogénio Marques de) — (Cap. Mil.º de Artilharia, do 3.º G. B. A. do C. E. P.) — «Arquivo Poético da Guerra» — 270 p., c. il. pelo Tenente João Lima, il. com fotogr. de assuntos da Guerra e vi-nhetas do mesmo, Major Joaquim Leitão e do Autor. Tip. da Comp.ª Port.ª Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor. Com prefácio e Nota final.
- 2 ALVES (Francisco) — «Uvi — Poema da Vida» — 133 p., c. il., Imprensa de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d. (1919). Edição do Autor.
- 3 ANÇA (Manuel) — «A Valorosa Belgica» — Poemeto, 100 p., il. com o retrato e fac-símile da assinatura do Rei da Bélgica, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Ferreira, Lisboa. Com uma Nota final do Autor, referente à génese do poemeto: a invasão da Bélgica pelos alemães.
- 4 «AVENTURAS dum soldado português nas trincheiras da França» — folh., 8 p., c. il., s. l., Lisboa, s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 5 BARATA DA ROCHA (Alfredo) — (Tenente médico do Bat. de Infantaria... do C. E. P. — «Fala a mãe desconhecida do herói desconhecido» — folh., Porto, 1921. (Esta poesia foi depois incluída no livro do Autor, posteriormente publicado, — «Névoa da Flandres».
- 6 IDEM — «Névoa da Flandres. Versos de Alfredo Barata da Rocha. Soldado da Grande Guerra. 1917-1918» — 134 p., c. il. por Antonio Carneiro. Empresa Industrial Gráfica do Porto, Porto 1924. Edição da Renascença Portuguesa, Porto. Prefácio do Autor.
- 7 BARROS (João de) — «Ode à Belgica» — 16 p., Tipografia A Editora, Lisboa, 1914. Edição de Aillaud Alves & C.ª Lisboa.
- 8 IDEM — «Oração à Patria» — 87 p., c. il., Tipografia de A Editora, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Aillaud, Lisboa. Tem 2.ª edição.

O TITULO I — Livros (Prosa, foi publicado no série anterior da «Alma Nova» e constituirá um fascículo do «Coleção Ressurgimento»), o sair brevemente.



CAPITÃO JOSÉ BRANDÃO

AOBB11J
09811

**LIVRARIA
SÁ DA COSTA**
LARGO DO POÇO NOVO, 12
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Mateus Moreno, 1.º vol. de Artilharia, 1.º vol. i	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ — SINFONIA MACABRA. id., (3 ed.)	2\$00
MINHA PATRI — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id., id., 2.ª edição broch., 3\$00. cada livro	1\$00
CANTIGAS (2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1.º vol. broch.	2\$50
OLEOS DE ANACREONTE — por Luis Calado Nunes	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS — por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1.º vol. broch. com il. de Rafael Bordalo	5\$00
«ALMA NOVA» vol. 1, 11 e 111 da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 br ch.	1\$500
O INVEROSIMIL — Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lord Pechincha de Nadavale	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por José Guerreiro Murta, prof. electivo dos liceus, recomendado pelo D. do Governo.	4\$00
DA VERDADE, por João José Gomes	2\$50
EÇA DE QUEIROZ — «Revelado por uma illustre senhora de sua família» D. C. d'Eça de Melo	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por D. Bianca Lopes Martins, com Illustrações de Roberto Nobre (Ed. Marannas Porto)	8\$00
A ENTREVISTA, por Cruz Magalhães, 1.º op. il.	1\$00
A PUBLICAR:	
O DESENHO E A MULHER, do labor artístico de Rafael Bordalo por Saavedra Machado.	
A NOVA GUERRA, por Mateus Moreno.	

CASA GOUVEIA MACHADO

Rua Alves Correia, 152
(Antiga Rua de S. José) Lisboa
TELEFONE N. 4306



Pianos, Instrumentas, para banda, orquestra e tuna etc. **Oficina de pianos**, para pequenas e grandes reparações e afinações.

G. R. MARTINS, L.^{DA}

TRAVESSA DE S. PEDRO, 31
(A S. Pedro d'Alcantara)

Maquinas de costura «MUNDLOS», Maquinas de bordar «SCHIRMER», Maquinas de cosear a ponto ájour «DURKOPP».

Vendem a pronto e a prestações

grande sortido de bijouterias, quinquelharas, pinceis de barba, etc.

Chocolates alemães

ATENÇÃO

Esta firma dá aos seus estimaveis clientes, nas compras efectuadas, segundo o seu valor, um COUPON com direito a UM BRINDE, conforme as instruções afixadas ao nosso escritório.

“ALMA NOVA”

LEITURA AMENA
E INSTRUCTIVA

1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS, CARICATURAS E DESENHOS, REFERINDO OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

ASSIGNATURAS
CONTINENTE E ILHAS:

TRIMESTRE 8\$50
SEMESTRE 16\$00
ANO 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE 22\$00
ANO 40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE 30\$00
ANO 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS

263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267
LISBOA

AOS NOSSOS AMIGOS
LEITORES E ASSINANTES

A TODOS PEDIMOS A SUA COOPERACÃO, PARA FAZERMOS DA “ALMA NOVA” A GRANDE REVISTA DE QUE SE PRECISA.

TODOS OS ASSINANTES TÊM 20%
NOS LIVROS EDITADOS PELA
EMPRESA “ALMA NOVA”

ROYAL-PHOTO

ATELIER DE ARTE
PHOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHADO)
LISBOA

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civis, commerciaes e criminaes

R. DO CRUCIFIXO, 75, 1.º E.

TELEFONE CENTRAL 4110

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipia artisticas, tais como bihetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc. Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

**DIREITO PORTUGUÊS
E
BRASILEIRO**

M. GOMES DOS SANTOS
ADVOGADO

Com Procuradoria
no Brasil

R. DA VITORIA, 53, 3.º

TELEFONE CENTRAL 3156

LISBOA

EMILIO SALGUEIRO

ADVOGADO

Rua Augusta, 188, 3.º-E.

TELEFONE C. 1954

LISBOA

MENDONÇA, L. DA

AVENIDA DA LIBERDADE, 161

TELEFONES NORTE $\left. \begin{array}{l} 16 \\ 3906 \end{array} \right\}$

LISBOA

(ANTIGO 119 A)

**COMPRAM E VENDEM PROPRIEDADES
COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS**

Leilões de mobílias em casas particulares
casas comerciais, oficinas e fabricas

TÊM SEMPRE A' VENDA MUITAS QUINTAS, MORADIAS E PREDIOS COM ANDARES VAGOS

Serviço de taxímetro, os mais luxuosos e confortaveis carros

(MARCA PEUGEOT)

Garage-R. S.^{TA} MARTA, 256

**L E I A N O L I V R O
SANGUE D'EPOPEIA**

D E

◆ **MATEUS MORENO** ◆

O MELHOR RETRATO PSICOLOGICO

D O

GENERAL GOMES DA COSTA

N O

C . E . P .

VOLUME DE 160 PAGINAS PROFUSAMENTE ILUSTRADO 4\$00

DEPOSITO: LIVRARIA SÁ DA COSTA — L. DO POÇO NOVO, 42 — LISBOA